

Patrimônios das Palavras: Memórias Afrodiaspóricas e a Arte Literária de Mulheres Negras

Heritage of Words: Afrodiasporic Memories and the Lite- rary Art of Black Women

Luzia Gomes Ferreira¹
Jomara Ferreira Chaves Santos²
Jéssica Santos Silva³

DOI 10.26512/museologia.v11i22.43368

140

MUSEOLOGIA & INTERDISCIPLINARIDADE Vol. 11, n.º 22, Jul./Dez. 2022

Resumo

Neste artigo, oriundo do Projeto de Pesquisa *Memórias Que Vêm das Palavras: Olhares Museológicos, Para as Literaturas de Mulheres Negras*, buscamos evidenciar cada vez mais a importância dos pensamentos de autorias negras para a Museologia. Compreendemos que as produções científicas e artísticas de intelectuais negras e negros possibilitam ampliar nossas reflexões acerca das memórias e patrimônios afrodiaspóricos, assim, contribuindo para a construção de práticas de ensino e processos de musealização antirracistas e antissexistas. Através das prosas de autoras negras, buscamos construir ferramentas analíticas para a teoria e prática museológica. Em nossa investigação, estabelecemos um diálogo democrático e respeitoso entre a ciência e a arte literária de mulheres negras. Essas escritas literárias produzidas por autoras negras são tratadas como fundamentos epistêmicos e patrimônios das palavras, elas abrem janelas para imaginarmos outros mundos possíveis: embasando-nos em busca de tencionar narrativas museológicas sobre memórias afrodiaspóricas e, além disso, orientando-nos coletivamente para a criação de estratégias que contribuam para desentranhar as colonialidades que ainda permeiam as estruturas museais.

Palavras-chave

arte literária; escritoras negras; museus; museologia; patrimônio das palavras.

Abstract

This article is a result of the research project *Memories that Come from Words: Museological Views on the Literatures of Black Women*, it aims to show the importance of the thoughts of black authors for Museology. We understand that the scientific and artistic productions of black intellectuals enable us to broaden our reflections about Afrodiasporic memories and heritage, thus contributing to the construction of teaching practices and musealization processes that are anti-racist and anti-sexist. Through the prose of black women authors, we seek to build analytical tools for museum theory and practice. In our investigation, we establish a democratic and respectful dialogue between science and the literary art made by black women. These literary writings produced by black women authors are treated as epistemic foundations and word heritage, they open windows for us to imagine other possible worlds: the research served to ground us and to tense the narratives museum about Afrodiasporic memories and, furthermore, collectively guide us to create strategies that contribute to unraveling colonialities that still permeate museum structures.

Keywords

literary art; black women writers; museums; museology; word heritage.

1 É baiana, radicada em Belém do Pará. Doutora em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa (ULHT). Professora Adjunta do Curso de Bacharelado em Museologia, na Faculdade de Artes Visuais (FAV), Instituto de Ciências da Arte (ICA), Universidade Federal do Pará (UFPA). Poeta e Feminista Negra. E-mail: luziagomess@ufpa.br ORCID: 0000-0002-6358-3392

2 É paraense. Graduanda do Curso de Bacharelado em Museologia (FAV/ICA/UFPA). Discente Pesquisadora no Projeto de Pesquisa *Memórias Que Vêm das Palavras: Olhares Museológicos para as Literaturas de Mulheres Negras*, com bolsa de Iniciação Científica - PIBIC/Ações Afirmativas/UFPA. E-mail: jomaramuseo@gmail.com ORCID: 0000-0003-3885-1436

3 É paraense. Bacharela em Museologia pela FAV/ICA/UFPA. Atualmente, mestranda no Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia (PPHIST/UFPA). Membro do Grupo de Pesquisa História Digital na Pan-Amazônia. E-mail: jessica.santo.silva.js@gmail.com ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5205-1040

Construindo os caminhos nas encruzilhadas das palavras

[...] O que sai de sua boca eles não vão ouvir. O que vocês gritam com elas, eles não ouvem. O que vocês põem nela para nutrir seu corpo eles vão arrancar de vocês e dar no lugar os restos deles. Não, eles não amam sua boca. Vocês tem de amar. É de carne que estou falando aqui. Carne que precisa ser amada. Pés que precisam descansar e dançar; costas que precisam de apoio; ombros que precisam de braços, braços fortes, estou dizendo. E, ah, meu povo, lá fora, escutem bem, não amam o seu corpo sem laço e ereto. Então amem seu pescoço; ponham a mão nele, agradem, alisem e endireitem bem. E todas as suas partes de dentro que eles são capazes de jogar para os porcos, vocês têm de amar. O fígado escuro, escuro – amem, amem e o bater do batente coração, amem também.

(Toni Morrison)

Evocamos as palavras da personagem Baby Suggs do livro *Amada* de autoria da escritora e ancestral Toni Morrison,⁴ ganhadora do Prêmio Nobel da Literatura em 1993, para anunciar os caminhos percorridos no projeto de pesquisa *Memórias Que Vêm das Palavras: Olhares Museológicos para as Literaturas de Mulheres Negras*⁵. Nesse projeto, investigamos romances de mulheres negras brasileiras e estrangeiras, mapeamos os olhares dessas escritoras negras sobre o mundo que as cercam, filtrados pela ficção. Entrelaçar essas prosas com a Museologia é a nossa tentativa de apresentar à teoria e à prática museológica pensamentos negros que contribuam para a construção de processos de musealização antirracistas e antissexistas.

A escrita é uma forma da manifestação do poder no mundo ocidental e ocidentalizado, porém, a arte da escrita foi interdita à população negra afro-diaspórica por muito tempo. Contudo, isso não significa que mulheres negras não estivessem escrevendo e criando estratégias de registrar seus conhecimentos produzidos a partir de saberes endógenos. Ao nos debruçarmos sobre as prosas de autoras negras, encontramos narrativas que nos dão aparatos teóricos para reformularmos o ensino, a extensão e a pesquisa na Academia. Objetivamos criar diálogos com o público não acadêmico, evidenciando as memórias afro-diaspóricas com respeito e com o direito de narrar a si, as suas e os seus. Conforme afirma a Doutora Sílvia Barros: “A escrita de autoria negra é uma ponte entre mundos da memória e do futuro, a ficção cria um passado não-registrado e proporciona novos horizontes que talvez ainda não possam ser vistos, mas que podem ser imaginados.” (BARROS, 2021: 13). Consideramos as escritas de mulheres negras como uma forma de resistência e existência no mundo, um patrimônio afro-diaspórico contemporâneo, assim como, um vetor de alteração dos conhecimentos colonizados pelo eurocentrismo, brancocentrismo e falocentrismo. Dessa forma, convocamos a Museologia a considerar outras plataformas de memórias em consonância com as demandas sociais contemporâneas apresentadas por escritoras afro-diaspóricas.

4 Toni Morrison era estadunidense. Foi a primeira mulher negra a receber o Prêmio Nobel da Literatura e faleceu nos Estados Unidos em 05 de agosto de 2019, aos 88 anos.

5 O projeto encontra-se em funcionamento desde 2020, com apoio do Programa Institucional de Bolsas Iniciação Científica – PIBIC/Ações Afirmativas da Universidade Federal do Pará (UFPA) e do Programa de Iniciação à Produção Artística (PIBIPA), do Instituto de Ciências da Arte - ICA/UFPA. Esta investigação ocorre de forma interinstitucional entre os cursos de Bacharelados em Museologia da UFPA e da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Patrimônio das Palavras:
memórias afrodiáspóricas e a arte literária de mulheres negras

Almejamos apresentar as pluralidades das escritas de mulheres negras, pois, outra forma de apagamento e silenciamento construído pelo racismo é a transformação dos corpos negros numa massa homogênea. Pensamos nos remendos das memórias afrodiáspóricas tramadas nos fragmentos estilhaçados pela escravidão, mas reconstituídas nas insurgências por liberdade e nas insubmissões passadas e presentes orquestradas nas margens. Neste processo de pesquisa, a margem é concebida a partir do pensamento da escritora e feminista negra bell hooks (2019), principalmente, ao nos lembrar que nas margens também nos emancipamos. Por mais que os museus, durante muito tempo, tenham contribuído para os silenciamentos e apagamentos da dignidade e intelectualidade de corpos negros, a população negra nas Américas criaram e aperfeiçoaram tecnologias ancestrais com maestria para manter lugares de afromemórias em constante reconstrução. É nesse sentido que, em nossa pesquisa, a arte literária de mulheres negras é entendida como um patrimônio afrodiáspórico. Essas escritas são ilás⁶ para a humanização do povo negro da diáspora.

Nos estudos da arte literária de mulheres negras que reivindicam para si lugares de enunciação, é perceptível a construção de novos regimes de visibilidades, com narrativas afrocentradas sobre as imagens de corpos negros, suas memórias e suas histórias nos contextos afrodiáspóricos. Ao lermos romances e biografia como *Amada* de Toni Morrison; *Eu, Tituba – Bruxa Negra de Salém* de Maryse Condé; *Incidentes na vida de uma menina escrava* de Harriet Ann Jacobs, *Água de Barrela* de Eliana Alves Cruz, obras que abordam os horrores do período escravista colonial com todas as suas atrocidades física e mental, é inimaginável como as nossas antepassadas e os nossos antepassados conseguiram construir imaginários nos quais fossem possível acreditar no direito à liberdade, para que hoje pudéssemos estar aqui grafando, outras histórias com uma estética negra da palavra na bandeira de Tempo.⁷ A crítica literária Hortense J. Spillers, ao falar sobre a população negra estadunidense, reflete:

Deve-se reconhecer que pessoas afro-estadunidenses, sob a pressão de uma ordem patriarcal hostil e compulsória, compelida e determinada a destruí-las ou preservá-las apenas a serviço e a mando da classe “mestra”, exerceram um grau de coragem e vontade de sobreviver que assustam a imaginação até hoje. [...] a pessoa cativa desenvolveu, repetidamente, certos aspectos éticos e traços sentimentais que ligavam, através da paisagem, a outres, muitas vezes vendidas de mão em mão, do mesmo e diferente sangue em tecido comum de memória e inspiração. (SPILLERS, 2021:53).

Diante do que chamamos de patrimônio das palavras, construídos pelas escritoras negras, recuperamos dois movimentos em reflexão prática: recuperamos, simbolicamente, a humanidade das pessoas africanas que foram escravizadas e mortas pelo colonialismo branco europeu e também aspiramos possibilitar às pessoas negras do presente, sonharem com mundos possíveis, com o racismo erradicado, dando o direito de viver e existir sem o terror das balas perdidas encontrarem certamente as nossas cabeças ou os nossos corações numa esquina qualquer dessas Américas construídas sob e sobre o horror da escravidão. Salientamos que os estudos das memórias negras não devem se dar apenas a partir das instituições museais, no entanto, os museus e a Museologia

6 Vozes do orixás nas religiões de matriz africana, a forma como as Yabás e os Oborós se identificam ao pisar em terra a partir dos corpos de suas filhas e de seus filhos.

7 Nos referimos aqui ao Orixá Tempo. Nos Terreiros de Candomblé do Recôncavo Baiano e de Salvador, é colocada uma bandeira branca num mastro de madeira, denominada como bandeira de Tempo.

precisam dialogar simetricamente com as afromemórias que não são exibidas em suas salas expositivas e nem em suas teorias. De acordo com a Pesquisadora e Professora Doutora Joseania Miranda Freitas:

O patrimônio cultural afro-brasileiro é fruto de processos de lutas e negociações, conflitos e acordos, vivenciado no campo material e simbólico, portador de valores, expresso através da materialização dos fragmentos da memória desta herança, através da busca de elementos africanos nos rastros perdidos de uma memória negada e sequestrada, expressa numa possível raiz comum, que mesmo diante da diversidade, aparece nos sinais diacríticos com base nas celebrações, na religiosidade, nas lutas por liberdade, nas linguagens, na cor da pele etc., “[...] fazendo o elo entre a africanidade ancestral, relativa mais especificamente ao campo da imaterialidade, e o viver contemporâneo, relativo à dinâmica da materialidade-imaterialidade.” (FREITAS, 2005: 06).

Baseadas no pensamento de Freitas (2005: 06), vemos nas escritas de prosadoras negras como elas seguem “[...] rastros perdidos de uma memória negada e sequestrada [...]” A socióloga, professora e feminista negra Patrícia Hill Collins, ao tratar sobre a importância da literatura para as autoras negras dos Estados Unidos, diz-nos: “Historicamente, a literatura produzida por escritoras negras estadunidenses oferece uma visão abrangente das lutas das mulheres negras para dar forma a autodefinições positivas diante das imagens depreciadas da condição de mulher negra.” (COLLINS, 2019: 182). Ter como tema de pesquisa as artes literárias de escritoras negras e entender essas escritas como criação de conhecimentos significa a efetivação de uma ação política para romper com os padrões epistemológicos colonizadores. Com igualdade buscamos contribuir para dismantelar as imagens de controle encarceradoras dos corpos de mulheres negras, visto que não se pode esquecer que o racismo, atrelado ao machismo, destituem-nos de humanidade e dignidade. Com isso, ao ler autoras como Alice Walker, por exemplo, entendemos que ser mulher negra não nos sentencia apenas a habitar o lugar da dor, podemos e temos o direito de plantar nossos jardins com sementes de esperanças para florescer pétalas de poesia dentro de uma ética do amor. Para o escritor e Professor Doutor Cornel West: “A ética do amor não tem nenhuma ligação com sentimentos compassivos (...). Ela constitui a última tentativa para gerar entre as pessoas oprimidas o sentimento de que elas são capazes de influir.” (WEST, 2021: p. 53).

Não é possível ressignificar e reconstruir as memórias afrodiaspóricas nos museus e na Museologia se não houver um movimento comprometido com a descolonização dos saberes, e isso implica deslocar os nossos olhares, nossas escritas, nossas leituras, nossas escutas e nossas práticas. É importante salientar que esses processos são construções sociais continuamente alinhadas e desalinhadas de acordo com as perspectivas de pertencas dos grupos humanos racializados e não racializados.

Com isso, sabemos que a arte literária de mulheres negras não resolverá todos os problemas sociais, incluindo o racismo, que dilaceram as vidas dos povos negros no Brasil e nas Américas. Porém, consideramos que as prosas dessas autoras são formas de inscrição no mundo que contribuem para a construção de novas imagens e imaginários emancipatórios da e para população negra.

A partir de agora, apresentaremos a forma como realizamos a investigação: o Projeto de Pesquisa *Memórias Que Vêm das Palavras: Olhares Museológicos para as Literaturas de Mulheres Negras* está dividido em três eixos, a saber: 1 - Escravidão, 2 - Infância Negra e 3 - Mulheres Negras em Diáspora.

Neste artigo, faremos uma abordagem sobre os dois primeiros eixos, pois, os planos de trabalhos desses eixos já foram finalizados.

Escravidão Negra – nos estilhaços das memórias

- “Xangô é rei, está aqui comigo e cedo ou tarde a justiça se fará.”⁸
(Eliana Alves Cruz)

O eixo Escravidão foi pensado por percebermos como esse tema ainda é um tabu. Para além dos museus de arte decorativa, o tema da escravidão ainda tem suas dificuldades narrativas e práticas, conforme nos apresenta Freitas: “A dificuldade no enfrentamento das tramas hegemônicas não é só dos museus de arte decorativa, podendo ser observada também com relação ao pensamento social brasileiro [...]” (FREITAS, 2019: 60). Nesse sentido, afirmamos que a formação do pensamento social brasileiro e a história dos museus têm caminhos muito parecidos, ou seja, eles possuem uma complementariedade muito visível quando o assunto é a representação do povo brasileiro, isto é, os museus serviram de ferramenta do Estado e da Ciência diante da encenação e criação de uma identidade brasileira, uma identidade nacional cheia de pensamentos e práticas racistas e violentas, práticas muito visíveis desde a fundação do pensamento e mundo moderno. A escravidão foi e ainda é um evento traumático na sociedade brasileira e em todo continente americano. No entanto, para além da narrativa da dor, queríamos trazer para a arena museológica perspectivas da arte literária de mulheres negras que nos apresentem pessoas que foram escravizadas com trajetórias de vida, dignidade e criadoras de saberes apesar das violências impostas.

Iniciamos essa pesquisa no ano em que estourou mundialmente a pandemia da COVID-19,⁹ a doença foi declarada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em março de 2020. Não podemos esquecer que mais de 600 mil vidas foram ceifadas em decorrência da infestação pelo vírus SARS-CoV-2 no Brasil. De acordo com a Psicóloga e Professora Doutora Jeane Saskya Campos Tavares: “Precisamos chorar nossos mortos e cumprir os lutos, construir memoriais, marcar a sua existência e, por fim, investir num futuro em que as próximas gerações rompam definitivamente com o racismo e a colonialidade. Sankofa!” (TAVARES, 2020, sítio web). No período mais crítico da pandemia, a investigação foi realizada de modo remoto, não sendo possível, inclusive, realizar o nosso planejamento diante das nossas visitas técnicas aos museus. Foi difícil fazer pesquisa em meio às tragédias diárias, principalmente, quando os temas analisados na ficção, muitas vezes, eram tão trágicos quanto os fatos vivenciados no presente. Ao estudar o livro *Água de Barrela*, na parte sobre a epidemia de cólera¹⁰ no ano de 1855, não tinha como não fazer conexão com o que estava acontecendo em 2020.

8 Fala do personagem Firmino, no livro *Água de Barrela*, da autora Eliana Alves Cruz.

9 A pandemia de Covid-19, instaurada mundialmente em março de 2020, tratasse de “uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca.” Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>

10 “A cólera é uma doença bacteriana infecciosa intestinal aguda, transmitida por contaminação fecal-oral direta ou pela ingestão de água ou alimentos contaminados.” Disponível em: <http://antigo.saude.gov.br/saude-de-a-z/colera>
Acesso realizado em 10/05/2022.

O dito popular reza que na morte todos se igualam. Pois nunca isto foi tão verídico quanto naquele ano de 1855. Uma vez defuntos, todos são iguais, mas até chegar a este estado há um mar de diferenças e, como não poderia deixar de ser, a escravaria foi a primeira a sentir a presença do “ceifeiro implacável”: o *cholera morbus*. Um mal silencioso e mortal que veio ninguém sabe ao certo de onde, mas que se insinuou pelos portos de Salvador e foi se alastrando por toda a região. A contabilidade quando a epidemia recruscedeu, dá conta de que mais de oito mil na região de Cachoeira morreram. (CRUZ, 2018: 51).

Apesar das adversidades provenientes do contexto pandêmico, a pesquisa conseguiu cumprir os seus principais objetivos. Por seu caráter qualitativo, foi necessário que cada leitura das obras literárias selecionadas fosse realizada com muita atenção, sendo necessário, em muitos momentos, voltar ao mesmo livro para captar as possibilidades de diálogo com a teoria e prática museológica. Também, foi interessante o exercício de relacionar a arte literária com a teoria científica e perceber que, em muitos momentos, ambas se complementam.

Além das leituras dos romances e textos acadêmicos (nossa empiria e nosso arcabouço teórico), também realizamos encontros virtuais com investigadoras negras para dialogarmos e construirmos caminhos descolonizantes e emancipatórios para as nossas pesquisas. As pesquisadoras com as quais nos reunimos são de diferentes áreas dos conhecimentos, a saber: Museologia, Crítica Literária, História, Tradução Literária e Artes Visuais. Esses encontros no contexto pandêmico foram de suma importância para os rumos da investigação transdisciplinar, uma vez que foi possível agregar diferentes pontos de vista sobre a arte literária de mulheres negras, além de, também terem servido como um espaço de escuta e fala acolhedoras entre intelectuais negras.

Incorporar prosas de escritoras negras nos estudos da teoria e prática museológica é um exercício constante, pois, enquanto pesquisamos, também estamos aprendendo novas formas de olharmos para essas/esses personagens negras/negros como pessoas que tenham outras vivências, que ultrapassem o racismo, a pseudo subserviência na escravidão e o sofrimento. Dentro e fora da academia, tratar os corpos negros apenas pelo viés da brutalidade e das violências do sistema racista nos impede de enxergar e construir outras narrativas sobre as memórias afrodiaspóricas. No Eixo Escravidão foram selecionadas as seguintes obras literárias para análise:

Úrsula – Maria Firmina dos Reis;
Água de Barrela – Eliana Alves Cruz;
Amada – Toni Morrison;
O Caminho de casa – Yaa Gyasi;
Incidentes na vida de uma menina escrava – Harriet Ann Jacobs;
Eu, tituba: Bruxa negra de Salem – Maryse Condé.

A partir da leitura dos seis romances (eixo escravidão) descritos acima, foi possível fazer conexões entre a teoria e a prática museológica e a arte literária. Com isso, constatamos como a memória é um fio condutor que interliga todas as obras. Porém, não reduzimos as prosas de mulheres negras a um tratado memorialista do povo negro nas Américas. Para melhor entendimento, seguem os trechos das obras analisadas – por ordem de leitura – e algumas reflexões tecidas sobre as mesmas.

Patrimônio das Palavras:

memórias afrodiáspóricas e a arte literária de mulheres negras

Silencioso e ermo estava então o cemitério de Santa Cruz, e só o vento, que silvava entre o arvoredo ao longe, e que mais brando gemia tristemente nessa cidade da morte, é que quebrava a solidão monótona e impotente desse lugar do esquecimento eterno! (REIS, 2019: 97).

O romance *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis – a primeira mulher negra a publicar um livro literário no Brasil – é a leitura que abre os caminhos do plano de trabalho para pensarmos memórias afrodiáspóricas e patrimônios afrodiáspóricos. Trata-se de uma leitura delicada com detalhes e problemáticas nas entrelinhas no não dito/escrito pela autora.

A partir disso, podemos refletir sobre memórias, patrimonialização e a discussão sobre o que deve ser patrimonializado e sob quais perspectivas. A literatura feita por mulheres negras nos deu um modo de operar diante das escolhas no que preservar, como preservar, no que musealizar e como musealizar. O cemitério de Santa Cruz é um personagem de importantes acontecimentos na narrativa. A autora nos apresenta uma forma instigante para refletirmos sobre os lugares de memórias não convencionais e nem oficializados pelo Estado, mas de suma importância para a população negra. O direito a uma boa morte e a um sepultamento digno foi e continua sendo uma pauta para o povo negro no contexto brasileiro.

Em *Água de Barrela* de Eliana Alves Cruz há diversas problematizações e pontos que podem ser discutidos a partir da teoria e prática museológica, esse romance apresenta aspectos que podem alterar a forma como os museus lidam com as narrativas representações das memórias negras, como nesse trecho: “O fio de contas que Firmino lhe confiara perdeu-se na mudança para Salvador. Isto indicava muitas coisas. Martha obteve outro, mas com o alerta de que precisava cuidar, precisava retornar.” (CRUZ, 2018: 276). A salvaguarda de objetos pela família negra, a qual pertenciam Firmino e Damiana – personagens importantes na trama, é um tema recorrente no romance. O fio de conta de Xangô,¹¹ se torna um ser vivo na narrativa. Esta insígnia passada de geração a geração, desde os primeiros capítulos, e depois de ser perdida, é substituída por outra, nos faz entender que esse colar de Orixá também é um objeto de retorno, de memória. O livro é um arcabouço teórico e um trabalho metódico de documentação histórica entrelaçado à ficção.

[...] Ele disse que devemos lhe dar o Tamborete Dourado para ele poder sentar-se nele ou dá-lo de presente à sua rainha. [...] mortos. Eles eram um povo guerreiro, e a guerra era o que eles sabiam fazer. Mas, se um homem branco levasse o Tamborete Dourado, o espírito dos Axântis sem dúvida morreria, e isso eles não poderiam tolerar. (GYASI, 2017: 136).

No livro *O Caminho de casa de Yaa Gyasi*, autora ganense que vive nos Estados Unidos, fez um trabalho ficcional primoroso, a escravidão é apresentada nos continentes africano e americano. No trecho supracitado, o tamborete é um objeto sagrado para o povo Axânti,¹² nem mesmo o seu rei pode se sentar nele. Contudo, o objeto é furtado pelos ingleses durante período de conflito entre as nações, assim, podemos pensar no tema complexo da repatriação de bens

11 “Os fios de contas são colares das religiões de candomblé e umbanda, que servem para concentrar energia do orixá e ao mesmo tempo para que possamos identificar o orixá e o cargo de uma pessoa.” Disponível em: <https://meuorixa.wordpress.com/2012/06/02/fios-de-contas-candomble/> Acesso realizado em 10/05/2022.

12 O Império Ashanti, hoje Gana, situa-se no Golfo da Guiné, África Ocidental. Disponível em: <https://www.pordentrodafrica.com/cultura/22623> Acesso realizado em 10/05/2022.

culturais, uma questão que precisa cada vez mais ser debatida na Museologia. É interessante perceber nessa obra, assim como no livro de Eliana Alves Cruz, a sacralidade da cultura material que permeia o enredo. Também observamos como essas duas obras nos dão possibilidades para construirmos outras teorias sobre os objetos, principalmente, a partir de uma perspectiva das autorias negras. Propomo-nos a refletir que, no campo museal e além, quem tem o poder do objeto e da sua feitura, tem o poder de contar a sua própria história, de criar suas próprias narrativas e, por consequência, criar e poetizar suas próprias vidas.

Às vezes, a fotografia de um amigo próximo ou parente — quando olhada por muito tempo — muda, e alguma coisa mais familiar que a face querida em si ali se instala. Podem tocar aquilo se quiserem, mas não tocam, porque sabem que as coisas nunca mais serão as mesmas se tocarem. (MORRISON, 2011, p. 304).

O trecho acima, retirado do livro *Amada* da escritora estadunidense Toni Morrison, exprime um pouco sobre um dos vários temas que podem ser trabalhados numa ótica museológica: a construção das memórias individuais e coletivas. Ao longo da história, a autora insere personagens que vão preenchendo as frestas existentes em memórias pré-estabelecidas e, com isso, o significado de acontecimentos, anteriormente narrados, mudam e estabelecem novas memórias coletivas. Outro ponto a ser destacado em *Amada* é o protagonismo das mulheres negras escravizadas, especialmente na figura da personagem Sethe. Morrison nos apresenta como essa personagem vai ao extremo para não permitir a escravização das suas crianças. Vivendo em um cenário de terror e assombração, no qual passado e presente se fundem, as/os personagens vão construindo formas de encontrarem a si enquanto sujeitas e sujeitos. Apesar dos horrores da escravidão, Morrison nos mostra em sua obra como as pessoas escravizadas, no mais íntimo do seu eu, não deixaram de ser seres humanas e humanos pensantes com suas subjetividades e sonhos de liberdade.

Os escravos imploravam o privilégio de voltar a se reunir na sua igreja no mato, como cemitério ao redor. Havia sido construída pelas pessoas negras, e elas não tinham alegria maior do que se encontrar ali para juntas, entoar cânticos e aliviar o coração em orações espontâneas. (JACOBS, 2019: 99).

Incidentes na vida de uma menina escrava da estadunidense Harriet Ann Jacobs é uma autobiografia que narra episódios vividos pela autora, desde sua infância, momento no qual ela começa a entender o que significava ser uma pessoa escravizada. O livro inteiro é uma fonte de memória, logo um livro altamente proveitoso para os estudos museológicos. Contudo, essa obra se difere das outras, é uma obra autobiográfica que nos leva a um confronto direto e brutal com a realidade daquela época. Jacobs narra toda a sua saga de fuga da fazenda na qual era escravizada. Apesar das agruras vivenciadas pelas pessoas escravizadas, é interessante observar (na citação acima) como elas criavam espaços de sociabilidades a partir da religiosidade. A autobiografia de Harriet Ann Jacobs é uma obra não-ficcional, mas de interação com a linguagem da ficção, de significativa relevância para pensarmos a escravidão para além dos objetos de tortura.

Patrimônio das Palavras:
memórias afrodiáspóricas e a arte literária de mulheres negras

Man Yaya me ensinou sobre as plantas. (...) aquelas que davam sono. Aquelas que curavam feridas e úlceras. (...) Aquelas que faziam os ladrões confessarem. (...) Aquelas que acalmavam epiléticos e os mergulhavam em um repouso delicioso. Aquelas que punham sobre os lábios dos furiosos, dos desesperados e dos suicidas palavras de esperança. (CONDÉ, 2020: 32).

A obra *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem* da premiada escritora guadalupense Maryse Condé engloba eventos históricos e ficção por causa da personagem Tituba, uma mulher negra escravizada que realmente existiu. Porém, como o sistema racista frequentemente faz, Tituba foi apagada das narrativas históricas, contudo, a escritora a fez uma protagonista que, ao seu modo, buscará enfrentar as opressões do seu cotidiano escravocrata. A construção do livro nos remete a pensar a pluralidade, a particularidade e a subjetividade de pessoas negras no período escravista. Assim como, apresenta os saberes construídos por Tituba a partir do legado ancestral de *Man Yaya*. Destacamos o trecho no qual ela fala do poder curativo das folhas, associando-o ao uso das ervas que ainda hoje se faz presente no Brasil, bem como em outros países americanos, prática de saberes ambientais muito presentes entre a população negra e indígena. Diante disso, acreditamos que as folhas são seres vivos sagrados e que devem ser tratadas com cuidado e respeito.

Há vários outros pontos que poderiam ser destacados nos livros apresentados aqui, porém, nosso intuito não é realizar uma crítica literária, mas sim, elucidar como essas obras ampliam o nosso olhar sobre as narrativas construídas acerca da escravidão. Inserir em nossos estudos museológicos a arte literária de mulheres negras que tratam desse tema, ainda tão mal resolvido nas Américas, oportuniza-nos ler outras histórias com a complexidade da humanidade que foi usurpada do povo negro pelo sistema escravista do passado e pelo seu legado no presente. Mas apesar das colonialidades vigentes, seguimos as trilhas da palavra liberdade, recuperando os estilhaços das memórias, para construirmos mosaicos de amor e de esperançar.

Infância Negra – do encantamento de ser criança ao terror do racismo

Sou, desde ontem da minha infância, bagagem esfolada, curando feridas no arquitetar conteúdo para o cofre dos redutos. [...] sou pastora do meu povo cumprindo prazerosa o direito e o dever de conduzi-lo para lugares de harmonia. Meu porte de arma tenho-o descoberto e limpo entre, em cima, embaixo e no meio do cordel das palavras.¹³
(Geni Guimarães)

Observando filmes como *O Balão Branco* de 1995 do cineasta iraniano Jafar Panahi e *A Pegada de Todos os Tempos* de 2009 do realizador guineense Flora Gomes, percebemos nessas películas como as crianças são as protagonistas, tratadas como sujeitas, dignas de atenção, cuidado e escuta. Desde então, ficamos a pensar: como trabalhar esse tema na Museologia? O Eixo Infância Negra, no projeto *Memórias Que Vêm das Palavras: Olhares Museológicos Para as Literaturas de Mulheres Negras*, foi criado a partir dessa inquietação e por identificarmos como o tema infância ainda precisa ser mais trabalhado no campo museológico. Vivemos em um país no qual a maioria das crianças negras não são vistas e nem tratadas como crianças, geralmente não são protegidas pela sociedade civil e,

13 Fala da personagem no livro *A Cor da Ternura* de Geni Guimarães.

muitas vezes, são executadas pelo braço armado do Estado. Quase sempre, as crianças negras, especialmente meninos negros desde a mais tenra idade, já são enxergadas como “uma ameaça”, “bandidos em miniatura”, tendo suas infâncias negligenciadas e o racismo atravessando os seus corpos.

A investigação do Eixo Infância Negra foi realizada em 2021, ainda em meio às tragédias da pandemia da COVID-19. Assim como na primeira etapa do projeto, dialogamos com obras de autoras afrodiáspóricas, agora, com foco nas narrativas sobre a infância negra, na interface entre a arte literária e a Museologia. Os livros selecionados para análises, nesta fase da pesquisa, foram:

Meu Mundo! Eu, Rio e Mar – Mônica Conrado;
A cor da Ternura – Geni Guimarães;
Cartas para a Minha Mãe – Teresa Cárdenas;
O Olho Mais Azul – Toni Morrison

Nesses quatro livros as personagens principais são crianças/meninas negras, apresentando-nos suas lembranças da infância. Assim como nas obras analisadas no eixo escravidão, estas obras literárias citadas acima tratam de memórias, mas também, instiga-nos a pensar outros temas como: família, afetos, vida escolar e o direito a ser criança e poder sonhar. Os romances nos fazem refletir sobre como é ser uma criança negra em meio a uma sociedade racista. Cada escritora, ao seu modo, acolhem, processam e ressignificam as dores das meninas negras espalhadas pelas Américas. Segundo a Lei 8.069, de 13 de julho de 1990, que institui o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), são consideradas crianças pessoas até doze anos incompletos. Ainda segundo o ECA:

Os direitos enunciados nesta Lei aplicam-se a todas as crianças e adolescentes, sem discriminação de nascimento, situação familiar, idade, sexo, raça, etnia ou cor, religião ou crença, deficiência, condição pessoal de desenvolvimento e aprendizagem, condição econômica, ambiente social, região e local de moradia. (ECA, 2019: 15-16).

Apesar desse direito estar assegurado por lei sem discriminação de cor e etnia, os direitos de acesso à escolaridade, acesso à saúde, na realidade, não refletem a prática do Estado, ou seja, as crianças negras e indígenas, muitas vezes, são vistas com olhares discriminatórios e passam por situações de racismo como as vividas pelas personagens dos livros aqui citados. A formação do Estado Brasileiro tem suas raízes na formação de um território cruel e não emancipador da pluralidade, por conta de projetos de “mestiçagem” e “melhoramento racial” hoje sofremos preconceitos e violências diretas envolvendo esses dois principais grupos, do povo negro e das comunidades indígenas em toda a América Latina. Então, a escrita destas autoras é importante para um viés de identificação de memória para as crianças negras e de suas cidadanias, do direito de viver como crianças.

Em *Meu Mundo! Eu, Rio e Mar* da escritora carioca radicada em Belém do Pará, Mônica Conrado é contada a história de Marina, uma menina que sonha em conhecer o mar, enfrentando, durante o seu percurso para conquistar tal êxito, situações de racismo por parte de seus colegas de escola, conflitos familiares, mas também, encontrando muito aprendizado e amadurecimento do seu entendimento como uma mulher negra. Mônica Conrado nos convida a refletir sobre as vivências de Marina até a sua entrada na faculdade e sua relação de amor e contemplação com o mar. Nesse livro, além da discussão racial, podemos

Patrimônio das Palavras:

memórias afrodiáspóricas e a arte literária de mulheres negras

coletar as memórias da personagem Marina e sua vida na comunidade. Também nos mostra a relação afetiva das moradoras e moradores com a Ladeira da Saudade que é vista por elas e por eles, como o seu patrimônio.

No livro *A Cor da Ternura*, a escritora Geni Guimarães, nascida em São Paulo, cria uma ficção autobiográfica e narra a trajetória da sua infância no interior paulista. A autora nos mostra as situações de racismo que passou por ser uma criança negra, mas também, desabita a dor, apresentando-nos um ambiente familiar seguro, funcional e amoroso. Esse romance também levanta uma discussão pertinente sobre o ensino da História nas escolas brasileiras. Em uma passagem da trama, Geni fica constrangida com a forma como a sua professora aborda a escravidão negra no Brasil: sendo ela a única aluna negra na sala, as/os demais discentes a miram com olhar de pena por ela ser uma pessoa negra. Diante disso, fica evidenciado, a partir da narrativa da personagem/criança, como isso afeta a sua própria autoestima desde os primeiros contatos na socialização escolar.

É importante lembrarmos como o ambiente escolar ainda tem se mostrado hostil diante das questões de raça, gênero e classe. Assim, deixamos também a sugestão para projetos futuros: de mudar essa realidade racista no ambiente escolar a partir do uso dessas escritas literárias. Dessa forma, ao nos depararmos com essa questão no livro *A Cor da Ternura*, remetemo-nos a importância da Lei 10.639/2003 alterada para 11.645/2008 “[...] que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena’”. (LEI 11.645, 2008: sítio web). No entanto, passando-se mais de uma década da promulgação da Lei, percebemos o quanto ainda é preciso efetivá-la de forma concreta na Educação Básica e também, nos cursos de Licenciaturas e Bacharelados das universidades brasileiras.

Na obra *Cartas Para a Minha Mãe* da prosadora cubana Teresa Cárdenas é narrada a história de uma personagem que não tem o seu nome revelado e está em processo de luto pela morte de sua mãe, o que a leva a escrever cartas para ela contando tudo o que acontece na sua vida após o seu falecimento. As cartas também se tornam personagens e representam a forma como a protagonista encara a dor da perda, a saudade e o convívio conflituoso com os seus familiares, que a desprezam devido à cor da sua pele. Conseguimos analisar que, além dos debates sobre o racismo sofrido no seio familiar, a escrita das cartas é a materialização dos seus sentimentos, é o instrumento no qual ela reflete sobre si mesma, mas também, sobre os acontecimentos no seu bairro. Ela também nos mostra momentos de ternura e a construção de laços amorosos com outras e outros personagens na trama.

Já o primeiro romance da escritora Toni Morrison, *O Olho Mais Azul* narra a história de Pecola Breedlove, uma menina negra que tinha o sonho de ter os olhos azuis iguais aos da atriz Shirley Temple. Esse desejo demonstrava o quão necessitava se sentir aceita e inserida no padrão estético criado pela sociedade estadunidense. Pecola acreditava que ter o olho azul era a única solução para ser amada por todas e todos à sua volta. O enredo também evidencia a disfuncionalidade da família de Pecola, oriunda dos legados traumatizantes da escravidão. Ao contrário dos outros romances analisados neste Eixo, o desfecho da trajetória individual e familiar de Pecola não nos oferta um final auspicioso. No decorrer da trama, presenciamos uma família se esfacelando e uma protagonista adoecendo mental e emocionalmente. Porém, entre as várias questões a serem trabalhadas a partir deste livro, o desenlace da narrativa nos faz pensar sobre a

importância da representatividade nas instituições públicas e isso inclui os museus. No entanto, queremos a representatividade que possa alterar o sistema, não apenas sermos incluídas nele a partir de uma lógica “consumista e capitalista”, conforme nos alerta a Jornalista e Professora Doutora, Rosane Borges (2020).

Os debates apresentados pelos livros nos proporcionaram um olhar mais aguçado sobre as histórias e as afromemórias das infâncias negras. As meninas/crianças nessas obras são sujeitas pensando e observando o mundo ao seu redor. No entanto, apesar de viverem em contextos diferentes no continente americano, o racismo atravessa as suas existências enquanto crianças negras. Os imaginários e os cenários infantis construídos pelas autoras nas obras trabalhadas no Eixo Infância Negra contribuem para que construamos nos espaços escolares e museais, atos políticos e ações concretas para combater a discriminação sofrida por crianças negras. Que as novas teorias e novas reflexões sejam praticadas ativamente nesses espaços, sejam eles públicos ou privados. Precisamos olhar para nossas crianças negras e enxergar nelas o que o cineasta Flora Gomes vê em todas as crianças: “Quando olho para a cara das crianças, as coisas mais bonitas que o homem criou. Acho que na cara delas está a esperança, por isso digo que elas estão carregadas de muitas esperanças. Esperança no Brasil, na América e na África.” (GOMES, 2021: 460 apud OLIVEIRA; REIS, 2021).

Por mais arte literária de autorias negras na Museologia

Em setembro de 2021, foi inaugurada a exposição *Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros* no Instituto Moreira Sales de São Paulo/SP em homenagem a esta escritora mineira que morou em São Paulo. Em cartaz até a primeira semana de abril de 2022, a mostra bateu recorde de visitação. Evocamos a exposição citada para evidenciar como urge para os campos teóricos e práticos da Museologia compreenderem as artes literárias de mulheres negras como um fundamento epistêmico e patrimônio afrodiaspórico. Esta exposição nos informou que as escritas literárias de mulheres negras é um tema relevante para o campo museológico, ultrapassando a perspectiva de expor a biografia de escritoras e escritores, assim como, a musealização de suas casas. A obra de Carolina Maria de Jesus nos oferta embasamento teórico para pensar a sociedade brasileira e as mazelas que assolam o país de Norte a Sul, mazelas que colocam as pessoas negras e indígenas em situações de pauperização, desumanização e apagamentos simbólicos/históricos. Na Museologia se faz necessário, cada vez mais, interagirmos com linguagens artísticas para além das linguagens visuais.

As artes de autorias negras em suas diferentes linguagens no contexto brasileiro vêm construindo novas formas de narrar as histórias e as memórias do povo negro na sociedade brasileira, essas produções tencionam e implodem com as imagens impostas pela supremacia branca sobre os nossos corpos. Segundo Barros: [...] contar histórias e criar novos mundos é nossa vocação ancestral.” (BARROS, 2021: 14). De acordo com Rosane Borges: “Precisamos reivindicar o acesso à nossa participação no mundo pela imagem, por outros registros; mas também precisamos transformar esses próprios regimes. É acesso e transformação, ao mesmo tempo!” (BORGES, 2020: sítio web). A arte literária de mulheres negras e de homens negros também criam novos regimes de visibilidades, mas é preciso estarmos dispostas e dispostos a construirmos, em diálogos com essas imagens, novos imaginários sobre a população negra dentro e fora da academia e dos museus. Para Borges:

Patrimônio das Palavras:

memórias afrodiáspóricas e a arte literária de mulheres negras

[...] como diz bell hooks, não basta apenas construirmos imagens positivas sobre nós, mulheres advogadas, acadêmicas, é preciso que junto a essas imagens positivas, elas sejam capazes de construir um outro imaginário. E o que é esse outro imaginário? Esse grande repositório de imagens que vai decantando. Seria como alguém olhar para uma pessoa negra e não saber mais o que ela é, pois ela pode ser uma advogada, uma médica, etc. (BORGES, 2020: sítio web).

O Projeto de Pesquisa *Memórias Que Vêm das Palavras: Olhares Museológicos Para as Literaturas de Mulheres Negras* segue em curso trabalhando no terceiro Eixo - Mulheres Negras em Diáspora com compromisso político, percorrendo as letras da ética do amor. Neste momento, estamos analisando as seguintes obras: *Cidadã de Segunda Classe* (Buchi Emecheta); *Esse Cabelo* (Djaimilia Pereira de Almeida); *O Ventre do Atlântico* (Fatou Diome) e *Adua* (Igiaba Scego). Por fim, podemos inferir que os romances estudados em nossa investigação são elaborações e intenções constantes dessas escritoras repensarem não só o seu grupo racial, mas também as sociedades nas quais esses corpos negros se inserem e se inscrevem. Questionando e propondo outras narrativas de escritas-imagéticas, essas negras grafias constroem caminhos coletivos rumo a um processo de descolonização das mentes, dos corpos, das artes, das epistemologias e das afetividades. Como nos fala a escritora Eliana Alves Cruz, no final do seu livro *Água de Barrela*: “A história continua e está prosseguindo através de todos nós, pessoas comuns, mas que têm em suas mãos os pedaços miúdos da vida.” (CRUZ, 2018: 305). Por mais arte literária de autorias negras na Museologia!

Referências

BARROS, Sílvia. Tempo para criar novos mundos. In: *O céu entre mundos*. Romance de Sandra Menezes. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

BORGES, Rosane. Mais do que poder ou empoderamento, mulheres negras se emancipam e buscam autonomia – Fundação Tide Setubal entrevista Rosane Borges, por Gisele Ramos. 2020. Disponível em:

<https://fundacaotidesetubal.org.br/mais-do-que-poder-ou-empoderamento-mulheres-negras-se-emancipam-e-buscam-autonomia-fundacao-tide-setubal-entrevista-rosane-borges/>

Acesso em 13/05/2022.

BRASIL. Lei 11.645. Promulgada em 10 de março de 2008. Disponível em

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm

Acesso realizado em 13/05/2022.

CÁRDENAS, Teresa. *Cartas para minha mãe*. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Pallas. 2020.

COLLINS, Patrícia Hill. *Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consciência e a política do empoderamento*. Trad. Jamile Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

CONDÉ, Maryse. *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 7ª ed. 2020.

CONRADO, Monica. *Meu mundo!:* Eu, rio e Mar Monteiro Editora / NOSMULHERES; 1ª edição. 2020.

CRUZ, Eliana Alves. *Água de Barrela*. Rio de Janeiro: malê, 2018.

ECA- Estatuto da Criança e Adolescente. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Brasília, 2019. pp. 15-16. Disponível em:
<https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf>
Acesso realizado em 29/01/2022.

FREITAS, Joseania Miranda. Escravidão: tema tabu para os museus de arte decorativa. In: *Revista PerCursos*, v. 20, n. 44, p. 56-76, 2019.
Disponível em <https://revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1984724620442019056/pdf>
Acesso realizado em 13/05/2022.

FREITAS, Joseania Miranda. Museu Afro-Brasileiro; Ações Afirmativas de Caráter Museológico no Novo Setor da Herança Cultural Afro-Brasileira. In: *Anais do Iº ENECULT/UFBA*. p. 01-15. Disponível em:
<http://www.cult.ufba.br/enecul2005/JoseaniaMirandaFreitas.pdf>
Acesso realizado em 03/05/2022.

GUIMARÃES, Geni. *A cor da ternura*. 2. [ilustrações Vania Starkolff]. ed. São Paulo: FTD. 2018.

GYASI, Yaa. *O caminho de casa*. Tradução Waldéa Barcellos. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2017.

hooks, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante. 2019.

JACOBS, Harriet Ann. *Incidentes na vida de uma menina escrava*. São Paulo: Todavia, 1ª ed. 2019.

MORRISON, Toni. *Amada*. Tradução. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras. 2011.

MORRISON, Toni. *O olho mais azul*. Tradução de Manoel Paulo Ferreira. Companhia das Letras, 2003.

OLIVEIRA, Juscielle C.A. de; REIS, Mírian Sumica Carneiro. "As crianças são seres carregados de esperança": uma entrevista com a cineasta Flora Gomes. *Revista Transversos*. Dossiê: Africanizar: resistências, resiliências e sensibilidades. Rio de Janeiro, nº. 22, 2021. pp. 453-471. Disponível em:
<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/viewFile/58987/38950> Acesso realizado em 13/05/2022.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula e outras obras* – 2. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019. (Série prazer de ler; n. 11 e-book)

Patrimônio das Palavras:

memórias afrodiáspóricas e a arte literária de mulheres negras

SPILLERS, Hortense J. *Bebê da mamãe, talvez do papai: uma gramática estadunidense*. In: *Pensamento Negro Radical*. Organizado por Clara Barzagli, Stella Z. Paterniani, André Arias; traduzido por Allan K. Pereira ... [et al]. São Paulo: Crocodilo; São Paulo: N – I edições, 2021.

TAVARES, Jeane Saskya Campos. *A Saúde da População Negra Brasileira - “Falando da perda: hoje estou mal, espero que você entenda”*. *Le Monde Diplomatique/Brasil*. 2020.

WEST, Cornel. *Questão de raça*. Tradução Laura Teixeira Motta. 2.^a ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

Recebido em maio de 2022.

Aprovado em agosto de 2022.